



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de assinatura do Termo de Implantação do Pólo Minero-  
Siderúrgico de Corumbá**

**Campo Grande-MS, 22 de fevereiro de 2005**

Excelentíssimo companheiro Zeca do PT, governador do estado do Mato Grosso do Sul e sua senhora, Gilda Maria Gomes dos Santos,

Minha querida Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Minha querida cara-metade Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu caro Egon Krakhecke, vice-governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Deputado Londres Machado, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Mato Grosso do Sul,

Dom Vitório Pavanello, arcebispo de Campo Grande,

Meu caro senador Joaquim Monasterio, da Bolívia,

Meu caro Delcídio Amaral, senador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro deputado Guido Añez, da Bolívia,

Meus companheiros deputados federais do Brasil, Antônio Carlos Biffi, Antônio Cruz, João Grandão, Vander Loubet,

Meu caro prefeito de Campo Grande, Nelson Trad Filho,

Meus companheiros deputados estaduais,

Senhor Ruitter Cunha de Oliveira, prefeito de Corumbá,

Demais prefeitos aqui, da região do estado,

Senhor Samuel Walsh, chefe-executivo da área de minério de ferro da Rio Tinto,

Senhores empresários,



Meus amigos,  
Minhas amigas,

O entusiasmo do discurso do nosso querido companheiro Zeca do PT mostra um lado importante da política nacional. Não foi sempre assim na história do Brasil. Não foi sempre que nós conseguimos produzir, tiradas do seio dos movimentos sociais brasileiros, lideranças que conseguiram a projeção, o respeito e a certeza de boa governança, como nós tivemos aqui, neste estado, o companheiro Zeca do PT.

E eu sei, Zeca, o quanto você foi vítima dos preconceitos estabelecidos por uma parte da sociedade deste estado, como eu fui de uma parte da sociedade brasileira, mas, certamente, uma parte minoritária, porque o preconceito é uma doença, é uma mistura de doença com ignorância, com má fé que, às vezes, adentra a massa encefálica de algumas pessoas e elas passam a ser preconceituosas para o resto da vida. E isso é uma coisa que não tem cura, porque para a gente ser curado de preconceito é preciso tomar um “chá de humildade”, um “chá de sabedoria”, e nem todo mundo está disposto a isso.

O que é importante para o povo do Mato Grosso do Sul, Zeca, é o resultado das coisas que você vai deixar, é o resultado daquilo que você plantou. Algumas coisas você já colheu, outras o povo já colheu antes. E muitas coisas que estão sendo plantadas, nós vamos colher daqui a cinco, seis, sete, oito, nove, dez anos. Até porque os grandes projetos não dão frutos no dia em que a gente lança, eles dão frutos com o tempo. E o que nós precisamos cuidar é para que esses projetos sejam trabalhados com muito carinho, porque faz mais de três anos, companheiro Zeca, que você me falou desse pólo siderúrgico. Eu me lembro, acho que foi um encontro aqui mesmo, que eu fiz com a Federação das Indústrias do Mato Grosso do Sul, faz três anos ou mais e você, aqui, lembrava a importância desse pólo siderúrgico. Na



época, tinha até um grupo japonês especulando se iria ou não fazer o investimento.

O dado concreto é que, hoje, nós consolidamos, com a Rio Tinto, com a nossa Ministra e com você, um projeto que tem um cronograma em que a gente vai poder acompanhar passo a passo o cumprimento de cada etapa de um projeto que nós queremos ver concluído o mais rápido possível para o bem do Brasil, para o bem do estado do Mato Grosso do Sul, para o bem da cidade de Corumbá e, sobretudo, para o bem do povo trabalhador desse estado. E um projeto, Zeca, que não é um projeto apenas pensando no Brasil.

Se engana, hoje, e se enganaram aqueles que ao longo de décadas imaginaram que era possível desenvolver o Brasil, deixando nas costas do Brasil algumas dezenas de países empobrecidos, com baixo poder de consumo e pouco conhecimento científico e tecnológico.

O Brasil, apesar de ter tido a sua independência proclamada no dia sete de setembro de 1822, o Brasil teve durante muitos anos a cabeça política, a cabeça das doutrinas estabelecidas neste país, uma colonização eterna, porque embora nós tivéssemos uma independência, o Brasil esteve muitos e muitos anos com uma ação de país colonizado, que pensava pequeno e que achava que para tudo que teria que fazer, teria que pedir licença para União Européia ou pedir licença para os Estados Unidos. Houve até quem dissesse que o que era bom para os Estados Unidos, era bom para o Brasil. E assim predominou a cabeça da nossa elite dirigente durante anos e anos, décadas e décadas. E o que nós ficamos assistindo? Até a chegada de Juscelino Kubitschek, no Brasil, nós víamos que o Brasil demorou 450 anos se desenvolvendo apenas nas regiões da nossa costa marítima. Somente a partir de Juscelino é que o Brasil tomou o primeiro sinal de confiança de adentrar o seu território e começar a desenvolver o Centro-Oeste brasileiro e fez com que, a partir de Brasília, a gente pudesse dar uma dinamização maior no nosso desenvolvimento.



Mas a América do Sul continua esquecida. O Brasil embora faça fronteira com todos os países, menos com o Equador e com o Chile, a verdade é que a nossa relação era eventual, era uma relação comercial envergonhada e era uma relação política de muita desconfiança.

Eu me lembro, Zeca, que, antes de tomar posse, foi à minha casa o presidente da Bolívia, que hoje não é mais presidente da Bolívia, e ele me dizia: presidente Lula, eu estou aqui porque durante mais de 50 anos de vida eu acreditei que a solução para a Bolívia era a nossa relação com os Estados Unidos. E hoje eu estou convencido de que se a gente quiser ter alguma esperança a nossa relação tem que ser com o Brasil. Nós estamos mais próximos do Brasil e o Brasil pode oferecer na nossa relação tudo que os Estados Unidos poderiam oferecer para a Bolívia.

E aí quando nós tomamos posse, Zeca, nós resolvemos levar muito a sério a questão da integração, porque até então a integração da América do Sul era uma retórica de discurso em época de campanha. Eu acho que não tem um político latino, nem tem um político brasileiro, que em algum momento não tenha feito um discurso dizendo que é preciso fazer a integração da América do Sul, que é preciso fazer a integração da América Latina, que é preciso fazer a integração... Agora, a integração é mais do que um discurso retórico. A integração significa estradas, pontes, rodovias, ferrovias, hidrovias, telecomunicações, aeroportos e aviões para que a gente possa transitar por esse mundo afora.

E nós hoje, Zeca, estamos convencidos do seguinte: o Brasil está financiando a maior estrada do Peru, ligando o estado do Acre a dois portos peruanos no Pacífico. Se a gente fosse analisar apenas pela viabilidade econômica, imediatista, a gente não faria e não financiaria. E não estamos financiando com dinheiro que poderíamos financiar uma aqui, estamos financiando e emprestando dinheiro, ou emprestando via Proex, para que o Peru importe produtos nossos. Então, se nós fôssemos pensar: “bom, esta



estrada vai ser economicamente viável nos próximos três ou quatro anos?” Não sei. Eu diria que não. Eu diria que esta estrada será viável ao longo do tempo, quando os empresários brasileiros e os empresários peruanos tiverem consciência que tem quase mil quilômetros de estrada para serem ocupados por brasileiros ou por peruanos para plantar, para construir fábricas, para construir pólos produtivos e desenvolver os dois países e exportar para o Pacífico.

E tive o prazer, Zeca, de começar no ano passado, a primeira ponte em 500 anos de história entre Brasil e Peru. E tive o prazer de inaugurar, em 500 anos de história, a primeira ponte entre a Bolívia e o Brasil, no estado do Acre, porque uma parte da classe dirigente brasileira, quando olhava o mundo – porque tem hora que a gente fica contemplando o infinito – e quando uma parte da classe brasileira contemplava o infinito, eles iam à Europa sem passar pela África, ou eles iam aos Estados Unidos sem passar por todos os países que a gente tem que enxergar antes de chegar aos Estados Unidos. Era uma visão pequena, era uma visão mercantilista, era uma visão de um país com uma ação internacional subordinada. E nós resolvemos dar dimensão de Estado a essa ação política. E não é fácil.

Existia um processo de desconfiança entre os países da América Latina. Vocês estão lembrados, na década de 70, quando o Brasil foi construir Itaipu, vocês estão lembrados que os argentinos diziam – na época, eram os militares brasileiros – os argentinos diziam que Itaipu tinha um efeito devastador para a Argentina, que o Brasil poderia inundar metade da Argentina se abrisse as comportas de Itaipu. E a Argentina ameaçou construir a Bomba Atômica.

Vocês imaginam que vários países da América do Sul vêm nos empresários brasileiros verdadeiros imperialistas e algozes dos seus interesses. E vêm nos empresários americanos e europeus, parceiros. O que significa isso? Preconceito e desconfiança. Então, eu resolvi tomar a iniciativa de quebrar, Zeca, o preconceito e quebrar essa desconfiança.



Visitei, no primeiro ano, todos os países da América do Sul, sem distinção, e recebi os presidentes mais de uma vez no Brasil. Alguns eu visitei mais de uma vez, até porque o Mercosul não seria nada se o Brasil e a Argentina não estivessem bem, e não será nada se o Brasil e a Argentina não tiverem uma política generosa para ajudar o Paraguai e o Uruguai, que são países mais pobres, mais necessitados, com menos tecnologia.

Se nós quisermos ter uma relação saudável com o Paraguai, nós precisamos ajudar o Paraguai a se desenvolver, senão vai ficar a fama histórica de que através do Paraguai é que veio o contrabando ou coisa parecida. Então, ao invés de ficar reclamando, nós temos que ajudar, incentivar empresas brasileiras a investirem no Paraguai para que a gente possa dar uma chance àquele país de se tornar um país produtivo, e que a gente possa ter uma relação sem preconceito, como historicamente se teve até os dias de hoje.

E, graças a Deus, as coisas mudaram tanto nesses últimos dois anos, que vejam a eleição do companheiro Kirchner na Argentina. Agora, no dia 1º de março toma posse o Tabaré no Uruguai. O Nicanor é um avanço extraordinário para o Paraguai. Na Bolívia, o presidente Carlos Mesa, que é um presidente que não foi eleito como presidente, mas um vice que tomou posse, tem tudo para estabelecer um novo modelo de desenvolvimento para a Bolívia. Nós fizemos um acordo histórico com a Venezuela: assinamos 26 protocolos de acordo com a Petrobrás, para petróleo, para o gás, acordo das empresas de mineração do Brasil com a Venezuela, acordo na área energética com a Venezuela. Por quê? Porque a Venezuela é um país com potencial extraordinário e o Brasil tem uma boa relação de desenvolvimento comum com a Venezuela. É uma chance de crescimento para os dois países. Vamos fazer o mesmo com a Colômbia, agora. Vamos mandar a Dilma e um grupo de ministros pesquisar, ver quais são as oportunidades com os empresários brasileiros. É uma espécie de garimpagem de possibilidades de investimento.

A partir daí, vamos para lá assinar os protocolos, porque o Brasil está



determinado e essa é a minha convicção. Se o século XIX foi o século em que a União Européia se consolidou enquanto nação, se o século XX foi o século dos Estados Unidos, nós não vamos deixar o século XXI escapar e vamos transformar o século XXI no século do Brasil e no século da América do Sul.

Mas para isso acontecer, nós temos que acreditar, e acreditar significa fazer. É por isso que quando chegar o mês de agosto, nós vamos ter o prazer de anunciar que o Brasil financiou alguma obra em todos os Estados da América do Sul, em todos.

Eu vou dar um exemplo. Eu fui, agora, à Guiana. Em Georgetown tem uma ponte entre o Brasil e a Guiana, que liga o estado de Roraima à Guiana, que está sendo construída há muitos anos. Nós descobrimos que esta ponte é muito maior do que o rio, então precisava alargar o rio para poder caber a ponte, essas coisas malucas que acontecem no Brasil. O Tribunal de Contas sabiamente vetou a obra, essa obra está inconclusa, já tem 40% dela feita. Ao invés de persistir no erro nós estamos fazendo uma conversa com o Tribunal de Contas para reajustar o processo. E se a empresa que está fazendo a obra não estiver disposta a fazer o acordo, para reduzir inclusive o preço, de uma ponte que tinha uma largura que não existe rio, nós vamos ter, então, que pegar o Batalhão de Engenharia do Exército Brasileiro e fazer essa ponte independentemente de qualquer coisa.

Eu fui a Paramaribo, no Suriname. Paramaribo é uma cidade de 120 mil habitantes. Todos os dias um boeing 707 ou 704 – é desses grandões de dois andares, Zeca – vem de Amsterdã para Paramaribo, todo santo dia. Agora, alguém que mora em Manaus, ou alguém mora em Belém, ou alguém que mora em Macapá, que está a uma hora e meia ou a duas horas de Paramaribo, se quiser ir para a Europa tem que vir a São Paulo, pegar um avião, para depois passar por cima do seu estado outra vez para ir para a Europa, quando ele poderia pegar um avião em Belém, e em uma hora e meia estar em Paramaribo ou pegar um vô de São Paulo e parar no norte do país, ou um vô



de São Paulo e parar em Manaus, parar em Belém, parar no Nordeste. Porque não é possível que alguém que esteja no Amapá tenha que andar quatro horas e meia até São Paulo, pegar um avião e aí voltar quatro horas e meia, passar por cima do seu estado, para ir visitar os Estados Unidos ou visitar a Europa, ou seja, isso é coisa absurda de governos que nunca pensaram que a integração pressupõe o direito de ir e vir. Se não tiver como um presidente do Equador, da Colômbia ou do Peru vir ao Brasil, eles vão para Miami. E se eles tiverem que ir a Miami fazer negócios ou pegar um avião para vir para cá, eles já fazem negócios em Miami. Para que vão vir aqui?

Então, cabe ao Brasil como o maior país, cuidar para esses vôos... Eu, Zeca, tenho um compromisso com você. O avião que sai de La Paz, Santa Cruz de la Sierra, ele tem que parar em Campo Grande, ir para São Paulo, porque senão não há integração, senão não há nenhuma possibilidade... E o Brasil tem que ter o interesse na integração porque é bom para o Brasil. Se a gente desenvolver junto com o Brasil os países vizinhos, a gente vai ter uma relação comercial, uma relação cultural muito mais forte e a gente vai poder garantir que este é um Continente em que não tem fundamentalismo, em que a paz não é um achado, é uma determinação da política internacional do nosso Continente. Por isso é que este pólo é importante, Zeca. Porque este pólo não vê apenas a questão do Brasil. Nós temos que pensar tanto no pólo minero-siderúrgico, como no pólo gás-químico, em ter os companheiros da Bolívia como parceiros, porque a nós interessa que a Bolívia se desenvolva tanto quanto nós. Nós queremos ter parceiros com poder de consumo, com poder de conhecimento. Nós não queremos ser um país rico com os nossos vizinhos na miséria absoluta. Aí nós não teremos nem consumidores, nem compradores das coisas que nós produzimos e nem eles terão condições de produzir coisas para a gente comprar.

É essa a visão de integração que está permitindo, Zeca, que a gente possa dizer o seguinte: nós fomos à Cuzco, no Peru, e assinamos um



documento criando a Comunidade Sul-Americana de Nações. Eu duvido que algum estudioso de política internacional no Brasil pudesse acreditar que em apenas dois anos a gente iria criar uma Comunidade Sul-Americana de Nações.

Mais ainda: vocês estão lembrados que quando nós fomos a Cuzco, no ano passado, e criamos o G-20, não faltaram pessoas para fazer crítica, dizendo que aquilo era um fracasso, que a gente tinha rompido com os Estados Unidos, que a gente tinha rompido com a União Européia. Bobagem! O Brasil não tem interesse em romper com os Estados Unidos e com a União Européia, porque são nossos parceiros privilegiados, são nossos “primos ricos” e a gente não quer romper. O que a gente não quer é ficar dependendo apenas deles. O que a gente quer é dizer para eles: “Olha, nós queremos ter a melhor parceria com vocês. Mas não somos dependentes, não. Nós temos parcerias com outros países”. E sabem qual foi o crescimento da nossa relação comercial com a América do Sul? Oitenta por cento, meu caro Zeca.

Eu me lembro, o preconceito no Brasil é tanto que quando eu fui à Síria, quando eu fui aos países árabes, e de lá eu fui visitar o Kadaf, na Líbia, a imprensa, como sempre – a imprensa, não, alguns articulistas – fizeram críticas e mais críticas: “porque Lula visita o ditador da Líbia, porque Lula faz isso...”. Na semana seguinte, o Tony Blair vai, aí a mesma imprensa, elogia: “porque o Tony Blair vai visitar o Kadaf, porque o Tony Blair...”. Isso é puro preconceito, porque, na cabeça de alguns, o caminho do Brasil deveria ter só um vô: São Paulo-Washington, ou São Paulo-Frankfurt. E nós queremos ir para a África com o mesmo respeito que vamos para os Estados Unidos; queremos ir para o mundo árabe com o mesmo respeito que vamos para a Europa; e queremos ir para a América do Sul com o mesmo respeito que nós vamos a qualquer lugar. E, aí, estabelecermos uma política internacional sólida.

Não sei se vocês atentaram: em menos de oito meses nós ganhamos três processos na Organização Mundial do Comércio. Ganhamos o processo



do açúcar contra a União Européia, que muita gente dizia: “não, não briga. Não briga, que não dá certo, é impossível o Brasil ganhar. O Brasil vai brigar?”. Brigamos e ganhamos. Ganhamos o algodão, com os Estados Unidos. E, na semana passada, ganhamos o frango salgado, porque a Europa não considerava frango salgado como carne. E ganhamos. Ganhamos porque brigamos.

E, agora, muita gente pergunta: “Por que o Lula foi numa reunião da Caricom? Todos os presidentes de países pequenos, países com 200 mil habitantes, 300 mil habitantes, 400 mil habitantes?” Sabem por que eu fui? Porque, quando chegar na ONU, o voto de um país de 200 mil habitantes vale tanto quanto o da Índia, que tem 1 bilhão de habitantes, vale tanto quanto um país grande.

E, hoje, o G-20, é uma coisa que surgiu em Cancún, está consolidado, fortalecido. E vocês vão perceber que o acordo União Européia e Mercosul vai sair com muita facilidade. Eu estive, agora, em Davos, e tive uma reunião com Durão Barroso, que é o chefe da União Européia, e eu acho que nós vamos fazer um acordo. E vamos continuar brigando.

Sabe por que, gente? Eu não conheço, na vida, (palavra inaudível). Aliás, você jogou um peixinho no rio Miranda, para ver se eu pego algum, da outra vez? Pesquei quatro dias lá, não tinha nenhum cará para pegar.

Sabe o que acontece? Eu não conheço nenhum segmento da sociedade, na nossa vida familiar, na igreja que a gente frequenta, ninguém respeita alguém que não se respeita. Ninguém respeita. Na negociação entre países, o respeito é muito grande. E se um negociador vai negociar de cabeça baixa, o outro coloca uma canga no pescoço dele, e ele nunca mais levanta a cabeça. E o Brasil é um país por demais grande. É por isso que o Brasil tem que se respeitar.

E é por isso, Zeca, que nós estamos colhendo aquilo que nós plantamos. E estamos colhendo bem. Eu não vou ficar citando números aqui



porque... Mas, vejam, o Brasil, historicamente, fazia uma opção: ou o Brasil vai trabalhar para exportar muito e fecha o mercado interno ou o Brasil fortalece o mercado interno e diminui as exportações. Nós estamos fazendo os dois.

Vocês estão lembrados quanto era o déficit em conta corrente em 2002? 32 bilhões de dólares. Você sabe quanto é o superávit de conta corrente hoje? 14 bilhões de dólares. O Brasil passou oito anos tendo déficit de balança comercial, tinha que tomar dinheiro emprestado do FMI para saldar seus débitos. Agora, não. Nós nem precisamos fazer acordo com o FMI. Se Deus quiser, agora, em março, vamos chegar a 100 bilhões de exportação. É o recorde dos recordes de toda a história do Brasil, se a gente for comparar a exportação com relação ao PIB.

E não é apenas o agronegócio. Vários setores empresariais, vários setores que tinham exportado muito pouco, começam a exportar muito. Por quê? Porque nós viajamos esse mundo, vendendo as boas coisas que o Brasil produz. Nós não viajamos para pedir favor. Eu não viajei para receber títulos, nós viajamos e aonde eu fui, levei um grupo de empresários comigo para mostrar os nossos sapatos, a nossa roupa, para mostrar os produtos que nós somos capazes de produzir. É assim que a gente constrói uma Nação. A gente não constrói uma Nação se subordinando aos interesses dos outros. A gente constrói uma Nação defendendo o nosso povo, aquilo que nós produzimos.

E é por isso, Zeca, que nós estamos num momento auspicioso do Brasil. Eu sei do seu entusiasmo, sei o que você já plantou e já colheu aqui. E nós, no segundo ano, já fizemos, eu diria, boa parte daquilo que nós deveríamos fazer só no final do ano. Eu, de vez em quando, eu digo que Deus tem sido tão generoso comigo, porque você que já teve experiência de governo, Zeca, seis anos, sabe que o primeiro e o segundo são muito ruins, a gente só começa mesmo é no terceiro ano. Quem é prefeito de primeiro mandato vai saber disso logo, logo. Então, o que aconteceu? Eu tive sorte já no segundo ano, porque fazia dez anos que a economia brasileira não crescia 5%. Nós geramos, o ano



passado, o maior número de empregos desde 1992. A produção industrial foi a maior desde 1986. E todo mundo sabe o que foi o crescimento de 86, Plano Cruzado, que acabou um dia depois das eleições.

E nós queremos, Zeca, que essa economia tenha uma chance. A gente quer um novo ciclo de crescimento para este país. A gente não quer crescer um ano e cair no outro ano, a gente quer crescer sucessivamente vários anos. E este ano, Zeca, vamos crescer, outra vez, 5% ou mais. Todas as teorias que você vir escritas: “vai crescer 3, 3,5%”, Zeca, pode ficar certo, escuta o que estou lhe dizendo: nós vamos surpreender e vamos crescer mais de 5% este ano, outra vez. E vamos gerar mais empregos outra vez. E por quê? Porque estamos nos calçando para fazer as coisas que têm que ser feitas.

Zeca, a Dilma participa de um grupo de infra-estrutura, coordenado pelo ministro José Dirceu, junto com o ministro dos Transportes, o ministro de Minas e Energia, o ministro de Integração Nacional, são vários ministérios em que a gente pegou todos os gargalos brasileiros – a questão das ferrovias, a questão das rodovias, a questão dos portos – nós estamos, todas as semanas eu me reúno com esse de grupo de ministérios para decidir as coisas que têm que ser feitas. Porque às vezes a gente vê nos jornais que o Ibama criou caso. Não foi o Ibama que criou caso, não, o projeto é que não levou em conta a existência do Ibama, o projeto é que foi feito de forma impensada. Porque no Brasil as pessoas pegam um projeto, normalmente em época de eleições, no joelho, para não dizer no outro lugar, faz um projeto no joelho, aí começa a fazer a obra e chega o momento em que precisa da licença prévia do Ibama e não tem. E aí vai atrás. E o Ibama tem que pegar o projeto, tem que estudar. E dizem que o Ibama demora muito. O Ibama não demora muito, os deputados é que fizeram a lei que regulamenta o Ibama. Então, o Ibama cumpre a lei. Quem está no DNIT, agora, (palavra inaudível) sabe, ou seja, nós cumprimos a lei, nós não temos como apressar, passar por cima.

Então, meus companheiros, este ano, eu tenho dito que é o ano do



Brasil, é um ano mais promissor que 2004. Só no setor siderúrgico, Zeca, entre mineração e produção de aço são 25 bilhões de dólares de investimentos nos próximos 25 anos. Nós vamos duplicar nossa capacidade produtiva, como nós estamos certos de que vamos duplicar a nossa capacidade de produzir muitas outras coisas e bater recordes atrás de recordes, Zeca.

É por isso, meu querido Zeca, que eu quero dizer o seguinte: eu acho que nós seremos julgados por aquilo que nós fizemos, não por aquilo que os nossos adversários dizem que foi feito ou não. Eu tenho mandato até o dia 31 de dezembro de 2006, e quando eu chego numa cidade não quero saber de que partido é o prefeito, eu não quero saber para que time ele torce ou que igreja ele frequenta. Há um projeto para este país que vai ser implantado.

Vocês viram o que aconteceu no Pará esses dias com a morte dos sindicalistas e da freira. Aquilo aconteceu exatamente porque o governo está com uma ação muito forte para criar uma regulamentação para certificar as florestas brasileiras, porque as pessoas acham que podem comprar uma terra e podem pegar um mogno de 400 anos e derrubar. As pessoas sabem que o Estado brasileiro dá concessão para poder pesquisar petróleo, dá concessão para poder fazer mineração de ouro, dá concessão para fazer mineração de ferro. Ora, porque que a floresta, que é um patrimônio da humanidade, sobretudo agora que foi aprovado o Protocolo de Kioto e que a gente pode ter como recurso o crédito de carbono, a gente não vai regulamentar isso? E regulamentar isso não é evitar que a pessoa corte uma árvore para fazer um móvel, não. É a gente trabalhar com ele, para cortar de forma séria, para fazer o florestamento correto, para regularizar a terra das pessoas que querem trabalhar.

Porque, muitas vezes, Egon, o empresário do Sul do país não quer nem saber de quem é a terra. Vai lá e compra milhares de hectares de terras. Na verdade, não compra, grila. Na verdade, grila e coloca, lá, que é dele. Nessas coisas, o Brasil tem que ser moralizado. O Brasil precisa, definitivamente,



mostrar que é um país em que as coisas funcionam porque tem regras, tem leis e a gente não vai permitir que o vandalismo tome conta de uma atividade econômica que gera muito emprego.

Tem muito madeireiro junto conosco, na luta pela certificação, pela criação dos parques das reservas florestais. Agora, tem outros que preferem trabalhar na clandestinidade. E, aí, vai ter que entrar na legalidade. A lei vale para mim e vale para eles. A lei vale para eles e vale para todo mundo. Graças a Deus, a polícia já prendeu. Vamos saber quem é o mandante, agora. Porque sempre tem um “espírito de porco” por detrás disso. Sempre tem. Sempre tem alguém que nunca meteu o pé no barro; sempre tem alguém que nunca sujou a unha com um grãozinho de terra, mas está lá, pagando para pistoleiro. E o Brasil não pode continuar assim.

É por isso que nós mandamos o Exército para lá; é por isso que mandamos a Polícia Federal para lá, e vão ficar lá o tempo necessário porque, agora, nós vamos regularizar as terras no estado do Pará e dar àquele estado as condições do povo trabalhar condignamente, dos madeireiros trabalharem legalizados e dos trabalhadores trabalharem com a sua terra regularizada, também. É assim que a gente constrói uma Nação. E é assim que essa Nação poderá entrar no mundo dos chamados “países desenvolvidos”.

Acho que isso é um processo, Zeca, que você ajudou a construir. Esse é um processo que muita gente que está aqui está ajudando a construir. E eu acho que não tem mais retorno. Eu acho que o Brasil entrou numa fase em que a história não nos perdoará se a gente jogar esta oportunidade fora.

Todos vocês aqui sabem, sobretudo os empresários e os estudiosos, quantas oportunidades nós jogamos fora. Quantas vezes muitos de nós fomos dormir alegres, achando que o Brasil tinha entrado num mar-de-rosas e acordávamos num pesadelo tremendo, porque as regras do jogo tinham mudado.

Nós vamos fazer as coisas com a tranquilidade de um governo que sabe



o que quer, sabe para onde vai. E não vamos aceitar que a afobação de alguns permita que a gente tome uma medida apenas pensando numa eleição. A eleição é consequência de um trabalho que você fez.

Eu sei que a oposição está doida para fazer campanha, para fazer eleição, já. Da minha parte, meus caros, eu quero dizer para vocês que a eleição vai entrar na minha cabeça no momento certo. 2005 é um ano de fazer o Brasil crescer, gerar os empregos e gerar as oportunidades de trabalho que esse povo tanto precisa, que é o que dá dignidade ao ser humano. Quando chegar na época das eleições, aí sim, vamos discutir eleições. Por enquanto, é hora de trabalhar, e vamos trabalhar.

Parabéns, Dilma. Parabéns, Zeca. Parabéns Rio Tinto. E, sobretudo, parabéns ao povo do Mato Grosso do Sul e ao povo de Corumbá, por essa coisa extraordinária que está acontecendo lá.